

A FRAGMENTAÇÃO

ROTEIRO DE ESTUDO

- Seção 1 – A II Guerra Mundial
- Seção 2 – A Guerra Fria
- Seção 3 – Novos Eixos

UNIDADE III

Para início de conversa

Seja bem-vindo à última Unidade de História Contemporânea I. Nesta Unidade você tomará contato com alguns dos principais processos históricos do século XX, responsáveis, dentre outros, pela fragmentação da hegemonia do capitalismo liberal em sua dimensão global.

Na Seção 1, você conhecerá o processo e as consequências da II Guerra Mundial, que deslocou o centro de hegemonia capitalista da Europa para os EUA. Na Seção II você verá que a II Guerra Mundial acabou tendo continuidade com o conflito latente entre EUA e URSS, conhecido como Guerra Fria, que durou praticamente toda a segunda metade do século XX.

E, finalmente, na Seção 3, será a hora de conhecer a fragmentação dos conflitos pelo globo, com o fim do socialismo soviético. São processos que você, principalmente, nos mais recentes, pode ter tomado contato pelo noticiário, e que, portanto, fazem parte do seu vivido.

Aproveite para conhecê-los melhor e tenha um bom estudo!!!

SEÇÃO 1

A II Guerra Mundial

Iniciada em setembro de 1939, é considerada como a maior catástrofe provocada pelo homem na história da humanidade. A guerra abarcou setenta e dois países, e o número de mortos foi superior a cinquenta milhões. Restaram, ainda, cerca de trinta milhões de mutilados. Os civis tornaram-se também alvos militares.

Os custos da guerra atingiram a impressionante cifra de um trilhão e quinhentos bilhões de dólares, enquanto que o investimento na primeira guerra fora apenas de duzentos e oito bilhões.

A maioria dos historiadores concorda que a causa diplomática mais importante desta guerra vincula-se ao tratado de Versalhes, firmado entre as potências vencedoras da primeira guerra, isto é, os Estados Unidos, a Inglaterra e a França, e as vencidas, ou seja, a Alemanha e a Áustria. Pelo acordo, a cidade alemã de Dantzig passaria ao domínio da liga das nações, e a região do Sarre, rica em minério, passaria ao controle da França por um período de 15 anos.

Os vencedores exigiram que a Alemanha se desmilitarizasse, não podendo ter um exército maior do que 100 mil homens, além de desmontar as fortificações da região de fronteira, entregar a frota, pagar uma dívida de 269 bilhões de marcos-ouro.

A diplomacia dos países vencedores esqueceu a lição do congresso de Viena, em que os países vencedores evitaram humilhar os vencidos. Além disso, os Estados Unidos haviam adotado certa política de indiferença em relação aos problemas dos países europeus. Estas questões foram exploradas estrategicamente por Adolf Hitler

na década de trinta.

A crise econômica de 1929 provocou um novo arranjo das relações comerciais e de poder. Recorde-se que a produção mundial reduziu-se em cerca de 40%, e o desemprego atingiu os principais países industrializados. Para se ter uma ideia, chegou à casa dos 11 milhões nos Estados Unidos, 6 milhões na Alemanha, 2 milhões e meio na Inglaterra. Na América Latina, as importações reduziram-se 40% e as exportações sofreram uma queda de 17%.

Então, Alemanha e o Japão começaram a explorar estas fragilidades econômicas dos outros países.

Na Alemanha, a chegada de Hitler ao poder, em 1933, representa uma das principais causas políticas da guerra. Sua estratégia política consistiu em abafar os movimentos oposicionistas dos social-democratas, dos comunistas e dos liberais. Deu-se início ao que se chamava, na Alemanha, de revolução nacional-socialista, com o objetivo de fazer o país retornar a ser uma potência europeia.

Investiu no rearmamento, ignorando o tratado de Versalhes, e realizou um pacto de apoio à burguesia financeira e industrial. Sob o pretexto de parecer simpático aos países do ocidente, Hitler dizia-se o principal opositor do comunismo e assinou um pacto anticomunista com o Japão, em novembro de 1936, e com a Itália, em janeiro de 1937.

Os japoneses, explorando a mesma crise, invadem a Manchúria e depois o restante da China, em 1937, entrando em choque com os interesses norte-americanos nas Filipinas.

Hitler e o italiano Mussolini apoiaram abertamente Francisco Franco, da Espanha, que liderou as forças reacionárias contra o governo popular republicano espanhol eleito em 1936. As forças republicanas espanholas, diante da neutralidade da França e da Inglaterra pediram apoio da Rússia. Os republicanos foram vencidos, mas a situação serviu para que os alemães anexassem a Áustria, ameaçando a soberania da Tchecoslováquia.

O governo alemão começou a pressionar os tchecos para anexar a região fronteira daquele país, uma vez que mais da metade da população local era de origem alemã. A guerra tornou-se iminente. O primeiro-ministro da Inglaterra, Chamberlain, e Daladier, presidente da França, propuseram um encontro com Hitler na cidade de Munique. Os alemães saíram fortalecidos do encontro porque receberam permissão para ocupar a fronteira eslovaca em troca de uma promessa de paz. Esse acordo estimulou Hitler a reivindicar a integração do chamado corredor polonês. A Tchecoslováquia foi anexada ao Reich em março de 1939.

O próximo passo seria a anexação da Polônia; mas para isso seria necessário estabelecer algum acordo com as potências vizinhas. Como a Inglaterra e França poderiam ser contrárias a esta política de expansão, Hitler procurou apoio na União Soviética. Foi assinado um pacto de não agressão mútua em agosto de 1939, que implicava a partilha da Polônia e o reconhecimento da hegemonia russa sobre a Letônia, a Estônia e a Lituânia. As condições para a guerra estavam postas.

Em setembro de 1939, o exército alemão invade a Polônia, e Varsóvia será a primeira capital europeia a ser atacada por bombardeios aéreos. Os poloneses não conseguiram deter a ofensiva alemã, baseada na guerra relâmpago - que consiste em atacar maciçamente o inimigo com divisões blindadas que avançam em forma de pinças, encurralando e isolando os adversários em bolsões, para o esmagamento ou a capitulação final.

A Inglaterra e a França enviaram declarações, determinando a retirada imediata das forças alemãs do território polonês. Estabeleceram um prazo de vinte e quatro horas - depois das quais declarariam guerra com a Alemanha. Tais declarações prometidas chegaram à Alemanha em 3 de setembro. A Polônia rendeu-se após resistir por pouco mais de um mês. Afirma-se que tanto a França quanto a Inglaterra esperavam que o conflito se desenvolvesse da mesma forma como a anterior e que houvesse um esgotamento das forças alemãs no embate com as francesas. Mas, agora, esta guerra era muito mais dinâmica por causa das novas tecnologias.

A Dinamarca e a Noruega foram ocupadas pelas forças germânicas em abril de 1940. Era a chamada frente norte que serviria para evitar alguma ofensiva inglesa pelo Báltico e ainda garantir o abastecimento de matérias-primas estratégicas vindas da Suécia. Em maio deste mesmo ano, a Holanda foi invadida, assim como a Bélgica.

Acreditava-se que os franceses, que haviam concentrado o grosso de suas tropas na fronteira com a Bélgica, fossem resistir com maior eficiência aos ataques alemães. Os exércitos franceses tinham um número de homens equivalente ao do exército alemão e, além disso, foram vitoriosos no conflito de 1914/18. Estavam confiantes na proteção que a linha Maginot oferecia. Preocuparam-se, também, com a região das Ardenas, constituída por florestas e muito acidentada.

Os alemães atacaram nessa região e dividiram o exército francês em duas partes. Os alemães estão prontos para entrar em Paris. Boa parte das forças francesas estava sitiada na linha Maginot, sem ação diante do desastre militar e político do país. O exército francês fragmentou-se.

Os alemães ocuparam Paris em 14 de junho e, oito dias depois, foi assinado o armistício de Compiègne; a França rendeu-se e foi dividida em duas áreas: uma ocupada pelos alemães, outra pelo governo do marechal Pétain, sob o domínio também dos alemães. Apesar do derrotismo em que mergulhou o país, o general De Gaulle pregava a necessidade de uma reação francesa. A Inglaterra, agora sob a liderança de W. Churchill, promete continuar na guerra até a derrota dos inimigos.

A Itália declarou guerra à França em 10 de junho de 1940, e as tropas italianas invadiram o Egito sendo expulsas pelas forças britânicas. Tal acontecimento fez com que Hitler criasse o *Afrikakorps* para ajudar Mussolini. Essas tropas derrotaram os ingleses fazendo-os recuar.

A guerra atingiu a região dos Balcãs, no segundo semestre de 1940. Mussolini ordenou a ocupação da Grécia a partir da Albânia, mas o ataque foi frustrado pelas forças anglo-gregas. Os alemães enviam reforços e, em maio de 1941, Iugoslávia e a Grécia passam ao domínio germânico. A Ilha de Creta, que era uma base militar inglesa, é tomada pelos paraquedistas alemães. Os campos petrolíferos da Romênia, estratégicos para o abastecimento do exército alemão, ficavam, então, protegidos contra ataques inimigos. Mesmo assim, a Inglaterra consegue manter a superioridade naval no Mediterrâneo.

A força naval inglesa era um impedimento para que Hitler atacasse a ilha britânica. A solução encontrada pelos alemães foi o ataque aéreo e submarino. Assim, iniciaram-se operações de bombardeamento de Londres e outras cidades vizinhas. No começo os alvos eram apenas lugares estratégicos, mas, aos poucos, toda a população civil passou a ser alvo dos bombardeios.

Os ingleses conheciam a tecnologia do radar que foi aplicada contra os aviões alemães. A força aérea inglesa recuperou-se e começou a causar baixas na aviação alemã, que em 1940 perdeu mais de um mil e quinhentos aviões e muitos dos pilotos

treinados. Em junho de 1941, Hitler resolveu atacar a União Soviética, desviando os esforços de guerra para o oriente, e a Inglaterra deixou de ser o alvo constante dos ataques, apesar de, nos dois anos de ofensiva alemã, o território inglês ser atingido por cerca de sessenta mil toneladas de bombas aéreas.

Além disso, o país foi submetido ao ataque dos submarinos alemães que formavam um verdadeiro cerco à ilha. Para se ter uma idéia, quase treze mil toneladas de embarcações inglesas foram afundadas pelos submarinos dos alemães entre 1939 e 1942. Hitler tentava isolar a Inglaterra de suas colônias para esgotar-lhe as fontes de abastecimento de matérias-primas e alimentos. Era o chamado bloqueio continental, visando à neutralização das forças inglesas. Mas a estratégia não funcionou principalmente devido à entrada dos Estados Unidos na guerra. Note-se que o Brasil teve várias embarcações torpedeadas em seu litoral, o que forçou a entrada do país no conflito.

Entre os fatores que contribuíram para que Hitler invadisse a União Soviética, em 1937, podemos destacar o fato de que Stalin havia eliminado a maioria dos oficiais de comando das forças armadas. Mais de sessenta por cento dos oficiais foram mandados para os campos de concentração ou foram fuzilados. Hitler dizia-se adversário do comunismo e acreditava obter apoio mundial na investida contra o regime russo.

Stalin havia recebido avisos sobre a ameaça da invasão, tanto do serviço secreto britânico quanto do departamento de estado americano, mas nada o convenceu, pois acreditava que tudo não passava de alguma estratégia para envolver a Rússia na guerra. Ordenou, então, que seus exércitos saíssem da zona de fronteira com a Alemanha para evitar qualquer tipo de afronta. A invasão teve início. O exército alemão dividiu-se em três grupos de ataque: os exércitos do norte, sob comando do general Von Leeb, do centro, sob a chefia do general Von Bock, e o do Sul, chefiado por Von Rundstedt.

O arrojo da ofensiva alemã desarticulou as guarnições de fronteira e aniquilou a maior parte da força aérea soviética. Mas não era fácil ocupar o território russo, em função das adversas condições climáticas da região. Na medida em que adentravam no país, as forças alemãs começavam a esgotar-se, pois se esperava que a ocupação terminasse antes do inverno.

O exército foi apanhado sem roupas apropriadas, mas Hitler ordenou que os soldados aguardassem a passagem do inverno em suas posições. O medo acometeu as tropas e Hitler assumiu o controle direto da guerra. Passado o inverno, os alemães retomaram os ataques nas regiões do Sul da Rússia. A região do Mar Negro foi ocupada, mas os russos preparavam-se para enfrentar os alemães.

Nos últimos anos da década de trinta, conforme a guerra se alastrava pela Europa, os soviéticos passaram a construir suas fábricas de forma a serem facilmente desmontáveis e conduzidas às regiões fora do alcance da aviação inimiga. Quando os alemães atravessaram a fronteira russa, deu-se início o deslocamento dessas empresas. Contando com a ajuda da Inglaterra e dos Estados Unidos, a Alemanha foi detida.

Os alemães se apropriaram de quase 70% da cidade de Stalingrado, mas a batalha de Stalingrado marca a reviravolta dos destinos da guerra e o princípio do fim da Alemanha nazista. O Japão, aliado da Alemanha desde 1937, já estava envolvido com a China. Os japoneses ocuparam quase que um sexto do território chinês, inclusive Pequim

A política racista Reich fazia com que os nazistas tratassem cruelmente as populações do Leste Europeu. Os poloneses e russos eram vistos como seres inferiores pelos nazistas. Os princípios doutrinários de *Mein Kampf* implicavam a criação de zonas

vitais formadas em certos territórios, política e economicamente autônomos, ligados por acordos bilaterais.

A Alemanha seria o centro desta nova organização, a única a desfrutar de parques industriais. Nações camponesas, com servos escravos, formariam a periferia que seria colonizada e dominada pelos alemães. Para isso, foram criadas tropas especiais de extermínio de judeus, marxistas, franco-maçons, democratas-burgueses e sindicalistas.

A região do leste passou a ser administrada pelos comissários do Reich com autoridade de vida e morte sobre as populações dominadas. Esses administradores consideravam-se como parte de uma raça superior, para quem o mais humilde dos alemães teria mil vezes mais valor do que qualquer membro das populações locais. Ali, universidades e outros estabelecimentos de ensino foram fechados; muitos professores foram fuzilados. Era o império de terror, controlado pela SS. Himmler supervisionava diretamente as ações de genocídio. Foram construídos os campos de concentração que passaram a eliminar milhões de vítimas por meio do uso de gás.

No campo de Auschwitz era possível eliminar duas mil pessoas num espaço de meia-hora. A operação podia ser repetida quatro vezes ao dia. Havia quinze campos de grande porte: Dachau, Neungamme, Mathausen, Ravesbruck, Chelmo, Treblinka, Sobibor, Maidanek, Belzec, Belsen, Auschwitz, Theresinstadt e quase outros mil deles espalhados pelo território polonês. Estima-se que foram assassinados, nestes campos, mais de dez milhões de pessoas, a maioria descendente de judeus.

A partir de 1942, o trabalho forçado foi instituído pelo Reich e adotou-se o sequestro para se conseguir trabalhadores. Estima-se que cerca de três milhões de trabalhadores foram submetidos a esta forma de trabalho.

Como foi dito anteriormente, a opinião pública norte-americana era favorável à tese de que os Estados Unidos não deviam entrar na guerra. Mas essa tese ruiu quando os japoneses atacaram a base naval de Pearl Harbour, no Hawai. Aquela era a sede da frota naval americana. No dia 7 de dezembro os Estados Unidos colocam-se diretamente na Guerra. Os japoneses queriam o controle dos seringais produtores de látex na Ásia.

Os americanos transferiram parte de sua esquadra do Atlântico para o Pacífico e deram início à contraofensiva em maio de 1942. O ano de 1943 marca o início da ofensiva americano-australiana sob comando do Gen. Douglas Mac Arthur, que ocupa pequenas ilhas do pacífico sul-ocidental afastando os japoneses da região.

No Pacífico a guerra adquiriu características singulares, envolvendo basicamente unidades navais. A artilharia da marinha, os bombardeios aéreos, o lança-chamas, as operações de desembarque foram as características comuns da guerra nesta região. As tentativas suicidas dos kamikazes não tiveram efeito de importância no resultado geral da guerra. O Japão rendeu-se no dia 2 de setembro, a bordo do encouraçado Missouri, ancorado na baía de Tóquio.

Os exércitos americanos e ingleses iniciaram uma operação de ataque no front Sul. Ao mesmo tempo, os britânicos, sob o comando do general Montgomery, iniciaram sua contraofensiva no Norte da África.

Em 1943, os exércitos aliados ocuparam a ilha da Sicília. Na Itália, a força expedicionária brasileira integrou as forças aliadas, celebrizando-se pela conquista de Monte Castelo. A queda da Sicília provocou o desprestígio de Mussolini, que foi destituído do poder e preso. Foi constituído um novo governo na Itália dirigido pelo general Badoglio que iniciou as conversações com os aliados para retirar a Itália do conflito.

Na metade do ano de 1944, uma frota de mais de três mil barcos transportando 350 mil homens partiu das costas da Inglaterra em direção à Normandia. Os alemães foram surpreendidos. As forças anglo-americanas conseguiram ocupar o litoral francês. As forças da Alemanha tiveram que recuar, e a sua dominação sobre a França estava perto de terminar.

Um grupo de oficiais alemães, percebendo a derrota, tentou assassinar Hitler em 20 de julho de 1944. Hitler conseguiu abafar a rebelião, mas em setembro de 1944, Paris foi ocupada pelos aliados, e De Gaulle fez uma entrada triunfal na cidade. Os alemães tentaram uma intervenção contraofensiva na região de Ardenas, mas as forças americanas e inglesas liquidaram com os invasores em dezembro de 1944.

Os aliados invadiram a Alemanha no final do inverno de 1944/45, com três grandes grupos: os ingleses atravessam o rio Reno e dirigiram-se para o norte, neutralizando as tropas nazistas localizadas na Holanda; o grupo do centro dirigiu-se para a região do Ruhr, onde forçaram a rendição de vinte e duas divisões alemãs em abril; o grupo do sul marchou para o Brenner e para fazer a ligação com os soviéticos no Elba.

A guerra na Europa estava no final.

O ataque russo compreendia as terras geladas do norte até as planícies da Ucrânia, fazendo com que as tropas alemãs que ocupavam a Criméia ficassem neutralizadas. No final de abril, os russos entraram na periferia de Berlim. Hitler escreveu seu testamento político, ao mesmo tempo em que nomeou Doenitz para presidir o Reich e indicou Goebbels como seu Chanceler, suicidando-se no dia 30 de abril. A primeira capitulação foi assinada em 7 de maio em Reims, no quartel general de Eisenhower.

A guerra na Europa tinha finalmente chegado a seu fim.

O ponto de viragem da guerra do Pacífico acontecera no mês de Junho de 1942. A vitória americana em Midway fizera o Japão perder as esperanças de controlar o Pacífico. A contraofensiva consistiu em recapturar algumas ilhas que o Japão havia ocupado. Os EUA desmantelaram a frota japonesa nas Filipinas, mas os Japoneses recusavam render-se. O plano americano foi usar a bomba atômica para dar fim á guerra.

Estabeleceram um programa secreto com o objetivo de desenvolver uma arma nuclear extremamente potente. O projeto foi dirigido pelo físico J. Robert Oppenheimer. Com a morte de Roosevelt, em abril de 1945, o presidente Harry S. Truman acelerou o programa.

Visava derrotar o Japão e fazer com que os Estados Unidos, e não a URSS, tivessem o controle das políticas do pós-guerra. No dia 6 de agosto de 1945 os Estados Unidos lançaram a bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima e, no dia seguinte, sobre Nagasaki. A 2 de setembro o governo japonês declarou a rendição.

Estava terminada a II Guerra, mas iniciava-se outra: a Guerra Fria.

SEÇÃO 2

A Guerra Fria

Assim ficou conhecido o conflito ideológico entre os Estados Unidos e a União Soviética no pós-guerra. Não se trata de um confronto militar direto entre essas duas superpotências, mas sim das lutas econômicas e diplomáticas travadas entre esses dois blocos. Note-se, por exemplo, que os governos norte-americanos intervinham nos problemas internos da União Soviética até 1933 e não reconheciam a soberania soviética.

A aliança entre os dois países contra a Alemanha nazista se desfizera após a vitória na guerra. Havia uma grande diferença nas visões de mundo e na forma de conduzir a economia e a sociedade.

Os interesses contrários resultaram em suspeitas e hostilidades mútuas em meio a uma rivalidade crescente. A natureza ideológica deste enfrentamento e a ameaça de uma guerra nuclear provocaram tensões políticas em várias partes do planeta.

Em 1948, o presidente dos Estados Unidos lançou o plano Marshall que visava à reconstrução da Europa do pós-guerra. Truman propôs a criação de um pacto militar que seria chamado Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Mas, em 1949, os russos conseguiram fabricar a bomba atômica. Além disso, os comunistas aliados de Stalin nas lutas civis chinesas saíram vencedores.

Isso fortaleceu a Rússia que mais tarde enfrentaria os americanos na Guerra da Coreia. A guerra fria intensificou-se no final da década de 1950, porque ambos os lados começaram a desenvolver projetos para a fabricação de mísseis intercontinentais. Então, a União Soviética desenvolveu uma política de proteção à Alemanha Oriental comunista contra a fuga da população para o Ocidente. A estratégia utilizada foi a construção do Muro de Berlim, em 1961.

As superpotências também tentavam influenciar nações emergentes da Ásia, da África, do Oriente Médio e da América Latina para se alinharem aos seus programas políticos e econômicos. O pico da crise se deu em 1962, quando a URSS instalou mísseis em Cuba. O presidente John Kennedy ameaçou os russos com represálias nucleares. Os soviéticos retiraram os mísseis em troca da promessa de Kennedy de não invadir Cuba.

O incidente cubano fez com que os lados se tornassem mais moderados. Havia certa relutância mútua em iniciar uma guerra nuclear. Desde os anos 50, a China tinha problemas com a União Soviética, pois o partido russo exigia que o socialismo no mundo fosse unificado, sob a tutela do Kremlin, e os chineses achavam que seu país não deveria se submeter aos soviéticos. A situação ficou ainda pior na década de 1970 porque Mao Tze-Tung aproximava seu governo dos Estados Unidos, que havia, ao contrário da URSS, reconhecido a soberania chinesa.

A aproximação entre Pequim e Washington permitiu que a China entrasse para ONU, como participante e como membro permanente. Os soviéticos se enfraqueceram devido a essa cisão entre a China e Moscou. O acontecimento de Praga, na primavera de 1986, em que uma revolta popular pela descentralização do poder foi esmagada pelas forças soviéticas, também enfraqueceu o regime russo. Seguiram-se outras manifestações opositoras em outros países da Europa Oriental.

Enquanto isso, os Estados Unidos travavam uma luta no Vietnã. Tal ação custou a vida de 57 mil soldados norte-americanos e 2 milhões de vietnamitas. Após a sua independência da França, o Vietnã seria dividido em duas zonas de influência, e estas zonas seriam desmilitarizadas e mantidas uma sob o capitalismo e outra sob socialismo.

O governo do Vietnã do Sul decidiu proibir o plebiscito pois queria manter o alinhamento com os norte-americanos. Como o Vietnã do Norte queria a reunificação, lançaram-se em uma guerra contra o Sul. O Norte foi apoiado pela Frente de Liberação Nacional, de rebeldes do Sul. O Sul contou com a ajuda dos Estados Unidos. Eles entraram na guerra para manter o governo capitalista no Vietnã. Até 1965, a guerra estava favorável ao norte, mas quando os Estados Unidos entraram na guerra pareceu que haveria um grande massacre dos vietnamitas.

Os vietnamitas do norte, no entanto, viram na guerra uma extensão das batalhas pela independência em relação à França. Eles conheciam o território e se mostraram como um inimigo à altura dos Estados Unidos.

Em 1975 os Estados Unidos e o Vietnã do Norte assinaram um acordo de paz. A guerra do Vietnã mostrou a vulnerabilidade da grande potência ocidental.

Diante destes e de outros acontecimentos, as duas superpotências chegaram a um ajuste político de distensão para deter a corrida armamentista. O acordo Salt tratava da limitação do uso e fabricação de armas estratégicas.

Mikhail Gorbatchov e Ronald Reagan haviam iniciado um novo plano de desenvolvimento armamentista, mas em 1985 decidiram reduzir suas presenças na Europa. Por fim, o movimento reunificação alemã e o esfacelamento da URSS colaboraram para o fim da Guerra Fria. George Bush declarou a necessidade de uma nova ordem mundial.

Doze anos mais tarde, foi assinado um acordo entre a Rússia, representada pelo presidente Boris Yeltsin, e a Organização do Tratado do Atlântico Norte. A convenção estendeu a atuação da OTAN aos países do antigo bloco soviético e foi reconhecido pela sua Ata de fundação no que diz respeito às relações mútuas e de cooperação entre a OTAN e a Rússia. A assinatura deste acordo é considerada como o fim da guerra fria.

Na década de 1980 aumentou a pressão dos alemães orientais para que o governo facilitasse viagens para o ocidente. Mikhail Gorbatchov assumiu a secretaria do partido comunista. O novo secretário pôs em prática uma série de reformas para reduzir a censura, declarou a moratória nuclear unilateral, anunciou a retirada das tropas do Afeganistão e libertou presos políticos.

A política de Gorbatchov ficou conhecida como **glasnost**, que quer dizer transparência, e o seu projeto de ação foi denominado **Perestroika**, que significa reconstrução. A ação de Gorbatchov introduziu a União Soviética numa nova ordem política, com sindicatos livres e pluralismo partidário.

Em novembro de 1989 o muro de Berlim foi derrubado. A população aglomerou-se na fronteira para participar da derrubada. Foi o final da bipolarização mundial entre os EUA e a União Soviética. As estruturas e concepções de influência marxista que sustentavam o regime soviético ruíram, junto com a influência internacional da URSS. Chegou-se a afirmar que era o fim da idade contemporânea.

A autonomia das repúblicas que compunham a União Soviética veio em 1991, para acalmar as tensões internas que poderia ter levado a uma guerra civil. O parlamento votou a dissolução da URSS, em setembro de 1991 e, em dezembro, o presidente Boris Ieltsin declarou a independência da Rússia e a formação da Comunidade de Estados Independentes.

Novos Eixos de Conflito

O Taliban é uma milícia sunita que assumiu o poder assim que os soviéticos retiraram-se do território afegão, em 1989. As disputas internas mergulharam o país numa série de conflitos que se estendem por mais de duas décadas e resultaram na morte de milhares de pessoas e no exílio de tantas outras. Os guerrilheiros talibans foram treinados pelos norte-americanos e seus aliados na luta contra os soviéticos.

Trata-se de uma região empobrecida, sendo que as dificuldades aumentaram com o fracasso da tentativa de paz e de unificação do poder envolvendo a Frente Islâmica Unida de Salvação do Afeganistão e o Taliban, promovida pela Arábia Saudita.

Os americanos, apoiando a frente islâmica, começaram a pressionar os talibans para expatriarem as lideranças que contrariavam seus interesses na região, entre eles, Osama Bin Laden, líder da Al Qaeda. No dia 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos sofreram um atentado de grandes proporções. As torres do World Trade Center, em Nova Iorque, foram destruídas por dois aviões.

Outra aeronave atingiu o Pentágono. Cerca de três mil pessoas morreram. Osama Bin Laden e a rede Al Qaeda assumiram as responsabilidades pelo atentado, e o Afeganistão transformou-se no alvo fundamental das tropas norte-americanas. Assim tem início a chamada Guerra ao Terror, instaurada pelo Presidente George Bush.

Invasão do Iraque

O conflito que culminou com a invasão do Iraque iniciou em agosto de 1990, porque os iraquianos, liderados por Saddam Hussein, anexaram o Kuwait ao seu território.

O objetivo era controlar as reservas de petróleo existentes naquele país. A ONU exigiu a retirada imediata das forças iraquianas em janeiro de 1991, mas não foi atendida. Então, um exército de meio milhão de soldados, chefiado pelos Estados Unidos, ocupou a região, e os iraquianos se renderam sofrendo fortes medidas repressivas em relação à economia. O pretexto para as sanções era de que o Iraque se negava a entregar seu arsenal de armas químicas e bacteriológicas.

Novamente, os americanos invadiram o Iraque no ano de 2003. A justificativa era que o dito arsenal ameaçava a paz planetária. O exército iraquiano foi outra vez vencido, e Saddam Hussein foi preso e condenado. O conjunto de armas nunca foi encontrado, ou apresentado a público.

O governo instituído pelos norte-americanos alcançou pouca legitimidade e somente se mantém por causa do apoio direto de tropas militares internacionais (cerca de 150 mil soldados estrangeiros). A intervenção dos estrangeiros incentivou o crescimento dos grupos fundamentalistas islâmicos. Passados mais de sete anos da invasão, o Iraque ainda sofre problemas de infra-estrutura que se tornaram ainda mais gritantes.

A população civil parece viver em circunstâncias ainda mais complexas. Depois da ocupação, vários atentados contra alvos civis colocam o país sob constante ameaça terrorista. Estima-se que a presença norte-americana no território iraquiano tenha

causado mais de 46 mil mortes.

Israel e Palestina - Hamas X Fatah

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando foram mortos cerca de seis milhões de judeus, surgiu o movimento sionista, que pregava a criação de um Estado nacional para os judeus. Milhares de judeus espalhados pelo mundo inteiro engajaram-se no movimento.

A derrota do império turco-otomano na Primeira Guerra Mundial fez com que a Grã-Bretanha e a França assumissem o controle sobre o Oriente Médio. A região foi dividida em vários Estados, tais como o Iraque, a Síria, a Jordânia, o Líbano e a Palestina. Os ingleses prometeram aos judeus um país na Palestina.

A imigração de judeus se intensificou, mesmo que a população nativa não tivesse sido consultada. Os judeus levaram consigo todo o seu potencial financeiro e conhecimentos tecnológicos para uma região já ocupada por uma população de cultura e tradição muito antigas. A ONU havia proposto a divisão daquele território em dois Estados: um árabe e outro judeu. A União Soviética e os países árabes recusaram.

Nessa época, a Palestina era governada pela Inglaterra, mas no dia 14 de maio de 1948, quando se esgotou o domínio inglês sobre a Palestina, foi criado o Estado de Israel.

Mal os ingleses se retiraram do Egito, o Iraque, a Jordânia, o Líbano e a Síria atacaram Israel, mas foram derrotados. Os palestinos tiveram de abandonar o país, mas a organização palestina se fortaleceu.

A questão árabe-israelense é muitas vezes interpretada como um conflito de ordem religiosa que se resumiria nas diferenças de credo entre muçulmanos e judeus. Mas podemos dizer que a causa dos conflitos implicam, também, questões de fundo econômico e político. A criação do estado de Israel, em território ocupado pelos palestinos, se deve a decisões da ONU, e principalmente à influência dos ingleses que ocuparam a aquela região até o fim da Segunda Guerra.

O reconhecimento de Israel como Estado soberano implicou a expatriação de grande quantidade de palestinos. Então, os judeus passavam a ter o seu Estado Nacional, mas restou aos palestinos vagarem pelos países vizinhos.

Durante a guerra dos seis dias, auxiliado pelos ocidentais, Israel estendeu seus domínios sobre o território árabe, mais especialmente naquela região em que a ONU destinara para a criação do Estado palestino. Diante dos inúmeros protestos, a ONU decidiu que Israel deveria abandonar a zona ocupada. Israel alega questões de segurança nacional e tem desrespeitado as decisões da ONU, além de fomentar a criação de colônias judaicas nos territórios palestinos.

O Hamas é uma organização islâmica dos palestinos de orientação sunita que inclui uma entidade filantrópica, um partido político e um grupo armado. Trata-se de um radical defensor da causa palestina que chegou ao poder em 2006. Assim, foi nomeado um primeiro-ministro pertencente ao quadro do Hamas, o que provocou o isolamento internacional da Autoridade Nacional Palestina.

A ajuda financeira de um bilhão de dólares anuais, quase metade do orçamento da ANP, por parte da União Europeia e os Estados Unidos foi suspensa. O governo palestino ficou sem recursos, e o presidente da ANP, membro do Fatah, Mahamoud Abbas, propôs a formação de um governo de colisão. O acordo previa que o Hamas aceitaria as condições impostas por Israel para retornar as transações políticas.

No final do ano de 2006, o presidente ameaçou dissolver o parlamento e

antecipar as eleições, o que deu início a uma série de conflitos entre os que apoiavam o Fatah e os partidários do Hamas. O Fatah foi fundado em 1964 por Yasser Arafat e outros palestinos. Pertence à Organização para a Libertação da Palestina. O Acordo de Meca, assinado em fevereiro de 2007, tem arrefecido o conflito.

Assim, o mundo polarizado entre EUA e URSS até o final da década de 1980, não entrou em uma nova ordem mundial, mas pulverizou seus pólos de tensão e conflito, como você bem pôde ver, para áreas antes consideradas periféricas, mas que influenciam, hoje, a geopolítica global.



Atividades

Seção 1

1. Por que o tratado de Versalhes é considerado como uma das causas da II Guerra Mundial?
2. Por que a crise de 1929 é arrolada entre as principais causas da guerra?
3. Quais foram as repercussões mundiais em relação à chegada de Hitler ao poder?
4. Qual foi o primeiro movimento expansionista do nacional socialismo alemão?
5. Por que as forças francesas não corresponderam às expectativas dos outros países?
6. Como ocorreu a entrada da Itália no conflito?
7. Como os ingleses enfrentaram a artilharia aérea alemã?
8. Que fatores levaram Hitler a invadir a União Soviética?
9. Qual era o plano do Reich para as populações não germânicas do leste europeu?
10. Por que os americanos foram forçados a entrar na guerra?
11. Como terminou o conflito?

Seção 2

1. Por que a aliança entre os EUA e a URSS contra a Alemanha nazista se desfez após a vitória sobre a Alemanha?
2. O que foram os planos Marshall e Truman?
3. Por que a guerra fria intensificou-se no final da década de 1950?
4. Fale da queda do muro de Berlim.

O documento a seguir é o depoimento de um sobrevivente da tragédia de Hiroxima. Em 1945, Hiroxima era a sétima cidade do Japão, um porto de 344 mil habitantes civis e 150 mil soldados. Ela nunca tinha sido bombardeada, pois tendo sido escolhida como alvo da bomba atômica desde setembro de 1944, deveria permanecer indene até sua hora final, para ser possível a avaliação da eficácia da nova bomba. Às 8h15min43s do dia 6 de agosto de 1945 o céu de Hiroxima deixou de ser azul e ganhou uma coloração heterogênea: branco, violeta, púrpura, rosa e muitas outras. Milhares de pessoas simplesmente evaporaram, devido ao calor expelido (55 milhões de graus Celsius) e, apenas dois segundos depois, outros milhares morriam esmagados pelos escombros. Segundo fontes japonesas, nesses dois segundos morreram 240 mil pessoas, enquanto que fontes americanas informam terem sido 90 mil. Dois dias depois da explosão, os soldados soviéticos invadiram a Manchúria (a data havia sido combinada em fevereiro, com americanos e britânicos em Ialta). A 9 de agosto, foi lançada outra bomba atômica sobre o Japão, agora uma bomba de plutônio, que atingiu Nagasaki e matou 40 mil pessoas ou mais. A rendição japonesa veio a 14 de agosto. O número de sobreviventes que vivem no Brasil e em outros lugares é incerto, e os poucos existentes ocultam a sua condição por temer que o passado seja uma barreira no relacionamento com outras pessoas. Em 1975, o feirante Shinji Mukai, na época com 45 anos, residente em São Paulo há 21 anos, concordou em dar seu depoimento ao repórter Antonio Biancarelli, da revista *Veja*.

UMA VÍTIMA FALA DA TRAGÉDIA

Shinji Mukai

Eu tinha 15 anos quando a bomba caiu. Trabalhava numa fábrica de espoletas e bombas navais, a três quilômetros do centro de Hiroxima - no início da guerra eu era estudante, mas, quando situação no Japão se agravou, em 1944, todos os estudantes passaram trabalhar. Em casa só moravam meus pais, eu e meu irmão mais velho, Shoji, que na época tinha 18 anos. Os outros quatro menores de 14 anos ficavam num sítio fora da cidade, onde só permanecia quem tinha de trabalhar.

No dia 6 de agosto de 1945, eu e Shoji saímos para trabalho por volta das 7 horas - ele nos escritórios dos estaleiros Mitsubishi, a seis quilômetros do centro; eu, na fábrica operando uma espécie de laminadora. Lembro-me da hora do estouro. Estava tudo tranqüilo, como todos os dias. De repente, ouvi um barulho grande, que não sabia se era de bomba ou da fábrica desabando. Lembro-me de que fui arremessado a vários metros, mas só percebi isso ao acordar, tempos depois. Só tive forças para gritar. Um pouco mais tarde, quatro trabalhadores que estavam fora da fábrica na hora da explosão me encontraram e me arrastaram para fora. Estava com três costelas quebradas. Minha roupa estava coberta de sangue - é que a máquina em que trabalhava tinha tombado sobre meu companheiro, esmagando-o. O sangue era dele.

Quando saí dos escombros, pensei que tinha morrido. Não conseguia entender nada, a fumaça cobria tudo e havia um cheiro forte que nunca tinha sentido. O centro

da cidade era uma imensa fogueira. Ainda pensei em meus pais, mas logo entendi que nunca mais os encontraria. Meus companheiros queriam fugir, mas ninguém sabia em que direção, por causa da fumaça. Então alguém se lembrou dos trilhos do bonde. Seguindo por eles, uns quatro ou cinco quilômetros, a gente saía num campo de treinamento militar, próximo do mar, onde havia também o hospital militar.

Fomos seguindo os trilhos. Já estávamos quase chegando quando uma chuva preta começou a cair. Parecia pólvora de granada molhada, com um cheiro muito forte. Quando chegamos ao campo, havia mais de 5 mil pessoas feridas espalhadas, muitas quase mortas. Soube depois que, dos 2 mil operários da fábrica onde trabalhava, mais de 1700 morreram na hora da explosão.

No campo, encontrei meu irmão Shoji. Ficamos lá até as quatro horas da tarde. Ninguém queria ficar muito tempo ali – achávamos que os americanos iriam jogar outra bomba. Foi dada uma ordem para que permanecessem só os feridos. Os outros deveriam ir para um lugar mais seguro, para os lados de Kabe, um povoado a 30 quilômetros.

Eu e meu irmão não queríamos abandonar a cidade sem saber o que acontecera a nossos pais e decidimos tentar chegar até nossa casa, Mas, a quase três quilômetros do local da explosão, compreendi que não havia esperanças: num raio de mais de dois quilômetros encontrei milhares de corpos, todos carbonizados, não dava para reconhecer ninguém. O rio Ohta, que passava perto de casa, estava cheio de entulho. Chegamos bem perto de onde era nossa casa. Só restaram algumas coisas que eram de ferro. Por perto encontrei uns quatro ou cinco corpos carbonizados. Acho que meus pais estavam entre eles.

Na mesma noite, eu e outras catorze pessoas chegamos a uma pequena igreja perto de Kabe. Ficamos ali dois dias. Eu estava muito mal. Além das costelas quebradas, começou a sair sangue do meu corpo sem que eu tivesse nenhum ferimento. Saía sangue da pele, em todo o corpo. Na igreja, desmaiei várias vezes. Como demorasse a recuperar os sentidos, fui considerado morto, e colocado junto com outros quatro que morreram naqueles dias. Já estava coberto com uma esteira usada para cobrir os mortos quando acordei.

Fui, então, para a casa de uma tia, a 60 quilômetros. Na semana seguinte à explosão, um grupo de socorro do povoado, que fora trabalhar em Hiroxima, voltou de lá doente; alguns morreram. Durante dois anos não consegui trabalhar - estava muito fraco, respirava com dificuldade. Voltei para Hiroxima em 1947. Quase não a reconheci: só havia barracões. Passei a trabalhar na Estrada de Ferro Nacional do Japão, mas ninguém se preocupou com minha saúde: não recebi nenhuma ajuda do governo, nunca se preocuparam com minha situação de sobrevivente da bomba.

Depoimento de Shinji Mukai ao repórter Aureliano Biancarelli. Uma vítima fala da tragédia. In: Revista VEJA, 13 de agosto de 1975, p. 34.

Parabéns!!! Você concluiu a disciplina História Contemporânea I. Foi um longo passeio, de cerca de três séculos, da consolidação à fragmentação do capitalismo liberal.

Nesse percurso, você trabalhou, na Unidade I, a consolidação do capitalismo liberal, com a Revolução Francesa, em sua base político-ideológica; a Revolução Industrial, com suas dimensões econômicas e disciplinares do mundo do trabalho; a Doutrina Monroe, que marca o início da expansão política dos EUA; e as independências latino-americanas, que consolidam o Estado Nacional burguês fora da Europa.

A Unidade II lhe permitiu conhecer os primeiros elementos de crise do sistema capitalista. Ali você viu o processo tardio de consolidação dos Estados Nacionais na Itália e na Alemanha e conheceu o conflito resultante da crise hegemonia na Europa, conhecido como I Guerra Mundial.

Também tomou contato com o maior movimento de contestação ao capitalismo liberal do século XX: a Revolução Russa e seus desdobramentos. Finalmente, conheceu o momento de crise mais aguda do sistema capitalista liberal: a Crise de 1929 e a Grande Depressão.

Espero que tenha sido um curso proveitoso. Mas ele não acaba aqui. De posse dessa base histórica, você trabalhará, em História Contemporânea II, no próximo semestre, dimensões ideológicas, culturais e sociais que ocorreram no bojo dos processos históricos que você já estudou.

Até lá, e bom estudos!!!

- ARENDDT, Hannah. **O Sistema totalitário**. Lisboa: Dom Quixote, 1978. (Coleção Universidade Moderna 60).
- ARON, Raymond. **República imperial**. Os Estados Unidos no mundo de pós-guerra. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- BARRACLOUGH, Geoffrey. **Introdução à História contemporânea**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- BLACKBURN, Robin. **Depois da queda: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo**. 2ª. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- BRENER, Jayme. **Leste europeu: a revolução democrática**. São Paulo: Atual, 1990.
- BRENER, Jayme. **O Mundo pós-guerra fria**. São Paulo: Scipione, 1994.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo, Cultrix, 1993.
- CLAUDIN, Fernando. **A Crise do movimento comunista**. 2ª V. São Paulo: Global, 1985.
- COGGIOLA, Osvaldo (Org.) **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã, 1995
- COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **História e Crise Contemporânea**. São Paulo: Pulsar, 1994.
- CROUZET, Maurice (Ed.). **História Geral das Civilizações**. São Paulo: Difel, 1977.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- FELICE, Renzo. **Explicar o fascismo**. Lisboa: Edições 70, 1976.
- FENELON, Déa Ribeiro, **A guerra fria**. São Paulo, Brasiliense, 1983. (Coleção Tudo é História 64).
- FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.
- FERRO, Marc. **A Revolução Russa de 1917**. 2 ed., São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1995.
- GAY, Peter. **A Cultura de Weimar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GOLDFEDER, Sônia. **A Primavera de Praga**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Tudo é História 26).
- HADDAD, Fernando. **O Sistema soviético**. Relato de uma polêmica. São Paulo: Scritta, 1992.]
- HOBSBAWM, E. J. **Sobre História**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- HOBSBAWM, Eric J. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBSBAWM, Eric J.(Org) **História do Marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- HORGAN, John. **O fim da ciência: Uma discussão sobre os limites do conhecimento científico**, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KENNAN, George Frost. **A Rússia e o ocidente**. Rio de Janeiro: forense, 1965.
- KURZ, Robert. **O Colapso da modernização**. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

- LEIS, Héctor Ricardo. **O labirinto**: ensaios sobre ambientalismo e globalização, São Paulo: Gaia, 1996.
- MAGNOLI, Demétrio. **O Novo mapa do mundo**. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Polêmica).
- MEIHY, J.C. Sebe Bom ; BERTOLLI FILHO, C. **A guerra civil espanhola**. São Paulo: Ática, 1998
- Merck, F. **La doctrina Monroe y el expansionismo norte-americano**. Buenos Aires: Paidós, 1968.
- NÓVOA, Jorge (Org.). **A História à deriva: um balanço de fim de século**. Salvador: UFUBA, 1993.
- PEREIRA, Carlos Alberto M. **O que é contracultura**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Tudo é História 100).
- PRZEVORSKI, Adam. **Capitalismo e social-democracia**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **A Revolução Chinesa**. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção tudo é História 5).
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **Rússia (1917-1921): anos vermelhos**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Tudo é História).
- Rémond, René. **O Século XX**. De 1914 aos nossos dias. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993.
- TAYLOR, A.R.J. **As Origens da II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- THOMPSON, David. **Pequena História do Mundo Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Sites visitados

www.historianet.com.br
geocities.yahoo.com.br
www.historiadomundo.com.br
ocw.universia.net
www.vidaslusofonas.pt
www.pesquisa.com
www.brasilecola.com
educaterra.terra.com.br
www.ucb.br
www.ipa.gov.br
www.culturabrasil.org

José Adilçon Campigotto

Possui graduação em Estudos Sociais pela Fundação Educacional de Brusque (1986), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1996) e doutorado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). Atualmente é professor adjunto a da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: representação - região - fronteira - pastoral - movimento social - hermenêutica - texto - poder - saber e imaginário . Atualmente pesquisa os povos do sistema de faxinal.